

R788a Rosa, Merval  
Antropologia Filosófica - Uma perspectiva cristã/Merval Rosa.  
Rio de Janeiro: JUERP, 1996.  
406p.25cm.

1. Teologia Cristã — Antropologia. 2. Antropologia Filosófica. 3. Antropologia — História. I. Título.

CDD - 233

**Coordenação Editorial**

Josemar de Souza Pinto

**Revisão Textual**

Alexandre Emilio Silva Pires

Luiz Paulo de Lira Moraes

Jorge Luiz Luz de Carvalho

**Edição de Arte**

Nilcéa Pinheiro

**Capas**

Valdecy Ferreira

BIBLIOTECA CEEDUC	
CÓD. EXEMP.	7754
CÓD. TÍTULO	11051
CLASSIF.	

Código para pedidos: 261014

Junta de Educação Religiosa e Publicações da  
Convenção Batista Brasileira

Caixa Postal 320 — CEP: 20001-970

Rua Silva Vale, 781 — Cavalcânti — CEP: 21370-360

Rio de Janeiro, RJ — Brasil

3.000/1996

**Impresso em gráficas próprias.**

## CAPÍTULO 4

# CONCEPÇÕES DO HOMEM NA HISTÓRIA DO PENSAMENTO CRISTÃO

Através dos séculos o cristianismo tem sido uma das forças vivas na história do pensamento humano. De uma forma ou de outra, tem estado presente na civilização ocidental, afetando-a praticamente em todos os aspectos de suas múltiplas manifestações.

Apesar de suas raízes judaicas, o cristianismo tornou-se basicamente um fenômeno ocidental e reflete o pensamento grego, quer na ontologia, na ética ou na antropologia. Podemos dizer, sem medo de exagerar, que os modelos clássicos do pensamento platônico e aristotélico dominam a cena na história da doutrina cristã. Platão, principalmente na modalidade do chamado neoplatonismo, através de Agostinho, orientou o pensamento cristão pelo menos até o século XIII de nossa era, e Aristóteles, através de Tomás de Aquino, que ainda hoje é, por assim dizer, o teólogo oficial da cristandade católica e cuja influência é marcante até mesmo na teologia protestante. O próprio apóstolo Paulo, considerado o verdadeiro fundador da Igreja ou da doutrina cristã, por ser dos autores do Novo Testamento o que mais se aproxima de uma proposta sistemática, foi muito influenciado pelo pensamento grego, como se pode ver na sua concepção dualista do homem, sua idéia da imortalidade da alma e outros temas que só aparecem no pensamento judaico através da literatura de sapiência, tipicamente produzida no período interbíblico e marcadamente influenciada pelo helenismo.

Nessa visão panorâmica, apresentaremos a preocupação antropológica no pensamento cristão tal como a encontramos na patrística, na escolástica, na Reforma protestante e na teologia contemporânea que, como dissemos antes, é predominantemente antropocêntrica. É evidente que faremos menção apenas a temas de maior interesse antropológico e nem todos receberam o tratamento que merecem. Nosso objetivo não é escrever uma história da doutrina cristã. Como sugere o título do capítulo, nosso propósito é salientar a preocupação de pensadores cristãos com o problema antropológico em seus

aspectos doutrinários dentro de uma perspectiva cristã. Para tanto, arbitrariamente, escolhemos autores de diferentes épocas como figuras expressivas dessa concepção cristã do homem. Na exposição dessas idéias, tentaremos dizer o que os autores disseram e não nos move a idéia de defendê-los ou de criticá-los.

#### **4.1. Antropologia no Período Patrístico**

Como vimos no capítulo anterior, o Novo Testamento reflete um pensamento antropológico de raízes hebraicas, mas já influenciados por várias circunstâncias históricas do longo período chamado interbíblico ou intertestamentário. O contato do povo hebreu com diferentes culturas e, sobretudo, a influência do helenismo, produziram profundas modificações no próprio judaísmo. Essas mudanças obviamente refletem-se no pensamento de Jesus Cristo e de seus discípulos imediatos. Sem a compreensão dessas forças modeladoras do pensamento judaico, dizíamos antes, muitos dos ensinamentos de Cristo e de seus apóstolos não fariam sentido, principalmente quando se procura traçar uma linha direta entre o Antigo e o Novo Testamentos.

Ao se encerrar a era apostólica, ao fim do século I, a Igreja Cristã já contava com adeptos de outras procedências que não do judaísmo propriamente dito, e que foram responsáveis pelas primeiras tentativas de formulação da doutrina cristã, bem como do possível diálogo entre a teologia e a filosofia. São os chamados Pais da Igreja, que ocupam relevante lugar na história do pensamento cristão. Na formulação da doutrina cristã pelos Pais da Igreja, o pensamento antropológico ocupa lugar de destaque, como veremos a seguir.

##### **4.1.1. A importância da patrística no pensamento cristão**

A patrística representa um importante momento de transição na história do pensamento cristão. O cristianismo começa a atingir camadas mais sofisticadas da sociedade, e esses “filósofos” convertidos tentam expressar a fé cristã, usando como princípio hermenêutico a filosofia grega, principalmente a do período helenístico, mesmo conservando a essência do princípio arquetônico, isto é, a revelação de Deus em Cristo.

Entende-se por patrística o período da história do pensamento cristão que vai do fim da era neotestamentária até o aparecimento da escolástica, ou seja, do século II ao VII de nossa era. Um exame mesmo superficial da patrística revela que sua importância não é tanto filosófica, pois, numa história da filosofia propriamente dita, alguns Pais da Igreja nem sequer figurariam. Sua importância é doutrinária, pois, como vimos, os Pais da Igreja lançaram os fundamentos da sistematização do pensamento cristão, e muitas de suas idéias ainda hoje são adotadas pela cristandade.

A história da patrística, que tem como figura central Aurélio Agostinho, Bispo de Hipona, divide-se normalmente em pré-agostiniana, agostiniana e pós-agostiniana. Na patrística pré-agostiniana, salientam-se Justino, o Mártir, Irineu, Tertuliano, Clemente de Alexandria, Orígenes, Atanásio, Gregório

de Nissa e João Damasceno, dentre outros. Na patrística pós-agostiniana, que representa sua fase de decadência, temos poucos nomes relevantes, dentre os quais se salientam Severino Boécio, famoso por sua obra *Sobre a consolação da filosofia*, e Bento Núrcio, fundador do monasticismo ocidental.

**Costuma-se também dividir a patrística em oriental, grega, e ocidental, latina.** Os Pais gregos normalmente se dedicaram mais a questões teológicas especulativas, enquanto que os latinos se ocuparam com problemas práticos no campo da moral, da disciplina e da antropologia. Enquanto as controvérsias cristológicas agitavam o Oriente, a ponto de pôr em risco a própria sobrevivência do cristianismo, o pensamento cristão ocidental concentrava-se no estudo de problemas antropológicos, tratando de temas como o pecado, a graça e o livre-arbítrio do homem.

Como dissemos, a patrística, em geral, usou como princípio hermenêutico a filosofia grega do helenismo e não o modelo hebraico em sua interpretação do homem. Uma simples comparação mostra que essa mudança de princípio hermenêutico representa uma série de problemas para a interpretação do homem no contexto da doutrina cristã, gerando aporias com as quais teremos de conviver. Comparando as concepções gregas da natureza humana com as hebraicas, Wheeler Robinson, em *The Christian doctrine of man*, salienta os seguintes pontos:

A concepção hebraica da natureza humana é concreta, sintética e religiosa; a dos gregos é abstrata, analítica e filosófica. Quando os gregos do século VI a.C. especulavam sobre a natureza do Cosmos, os hebreus elaboravam os deveres rituais da Lei levítica. Os diálogos de Platão devem ser contrastados com as exortações do Livro de Deuteronômio, e o pensamento sistemático de Aristóteles com a fé do profeta Isaías.

A metafísica grega é basicamente dualística, contrastando espírito e matéria; a hebraica é teísta, contrastando Deus, o Criador, com o homem, ser criado, e derivando a alma e o corpo de uma única fonte. O dualismo está presente no pensamento grego desde Anaxágoras até Platão e Aristóteles, e culmina no neoplatonismo que transforma matéria e forma em Deus e o mundo, o infinito e o finito, o bem e o mal. No Antigo Testamento não há sinal desse dualismo ético, psicológico e metafísico. O homem é criação de Deus e não se faz distinção entre corpo e alma como se fossem realidades diferentes. No Novo Testamento, o contraste feito entre a vida interior e a vida exterior não tem significação metafísica, nem a antítese entre alma e corpo oferece a chave para os problemas morais, como se quisesse ensinar que a matéria é intrinsecamente má. O corpo é parte integrante do conceito bíblico do homem. A vida futura, portanto, requer a ressurreição do corpo para a reconstituição da unidade da existência. Ao contrário disso, a concepção grega da vida futura não é a ressurreição do corpo, mas a imortalidade da alma, que, como vimos, para alguns teólogos contemporâneos é um ensinamento estranho à fé bíblica e que resultou em considerável dano ao cristianismo.

A filosofia grega descreve, em termos quase modernos, a natureza e a atividade das faculdades ou elementos constitutivos do psiquismo humano;

a psicologia hebraica ainda se movimenta no círculo do animismo psicofísico. Para o grego, o homem é um ser mais ou menos explicável por si mesmo e sob seu próprio comando; para o hebreu, a natureza mais elevada do homem depende diretamente de Deus. O aspecto mais importante desse contraste é o conceito grego de liberdade e o hebraico e cristão da graça.

Finalmente, a moral para o grego é um conceito intelectual; para o hebreu, o problema é volitivo. A teoria ética dos gregos liga o mal à ignorância (Sócrates), à falta de harmonia (Platão) ou ao afastamento da chamada média áurea (Aristóteles). Para o hebreu, o pecado é a rebelião da vontade do homem contra a vontade de Deus.

Seja como for, para bem ou para mal, é fato estabelecido que os Pais da Igreja formularam a doutrina cristã sob a influência do pensamento grego, e através dos séculos seu trabalho tem sido confirmado em concílio e confissões de fé. De vez em quando, alguma voz discordante pode aparecer, mas a ortodoxia, que é definida pela estrutura do poder, cala essa voz e confirma a importância do que os Pais da Igreja fizeram e ensinaram.

#### 4.1.2. Representantes do pensamento antropológico no período patrístico

Vejam os a seguir o pensamento antropológico de alguns representantes da patrística, reservando lugar especial para Agostinho, que, como dissemos, ocupa posição central nesse período da história cristã. Para essa apresentação, contaremos, dentre outras fontes, com os trabalhos de Cirilo Folch Gomes, em *Antologia dos santos padres*, A. Hamman, em *Os padres da igreja*, Henry Bettenson, em *Documentos da igreja cristã*, e H. Wheeler Robinson, em *The Christian doctrine of man*.

**JUSTINO, O MÁRTIR (110—165 d.C.).** Flávio Justino, conhecido como Justino, o Mártir, por haver sido condenado à morte por causa de sua fé, nasceu em Siquém, na Palestina. Desde cedo revelou profundo interesse pela filosofia, e estudou Platão, Aristóteles, os estóicos e os pitagóricos. Na filosofia buscava a paz interior, que só encontrou no estudo do cristianismo. Logo fundou uma escola em Roma para ensinar a doutrina cristã. Escreveu *Diálogo com Tifão*, um rabino a quem procurou demonstrar a superioridade do cristianismo, e duas *Apologias* dedicadas ao imperador Antonio Pio, em que procurava provar que as acusações contra os cristãos eram falsas. Como apologista, procurou conciliar o paganismo com o cristianismo, e a filosofia com a Revelação. Justino acreditava numa espécie de Revelação geral, através da qual os sábios de outras épocas teriam sido beneficiados com a semente do Verbo divino. Eis um texto de sua *Segunda apologia*, em que expressa esse pensamento:

Confesso que minhas orações e esforços têm por meta demonstrar-me como cristão, não que as doutrinas de Platão sejam alheias a Cristo, mas porque não são totalmente semelhantes — como também acontece com as dos demais filósofos [dos estóicos, por exemplo], dos poetas e dos historiadores.

Cada um deles falou bem, vendo aquilo que tinha afinidade com ele, da parte do Verbo seminal divino que lhe coube: mas é evidente que em muitos pontos se contradisseram mutuamente, e assim não alcançaram ciência infalível nem conhecimento irrefutável.

Porém, tudo que de bom está dito em todos eles, pertence-nos a nós, cristãos, pois adoramos e amamos, depois de Deus, ao Verbo, que procede do mesmo Deus ingênito e inefável; a ele, que por nosso amor se faz homem a fim de participar de nossos sofrimentos e curá-los. E todos os escritores só puderam, obscuramente, ver a realidade graças à semente do Verbo depositada neles. Uma coisa é, com efeito, o germe e imitação de algo que se dá conforme a capacidade; outra, aquele mesmo de cuja participação e imitação se confere, segundo uma graça que dele procede (Folch Gomes, *op. cit.*, p. 68).

Justino, o Mártir, acreditava que todo homem é dotado de livre-arbítrio e que pode viver de modo justo, se assim o desejar. Ao contrário do Apóstolo Paulo, ele ensinava que todos os homens são pecadores, não porque tenham herdado a natureza pecaminosa de Adão, mas porque eram ignorantes. Se compreendessem as conseqüências do pecado, o evitariam. É bastante claro que este pensamento de Justino coincide com o de Sócrates, para quem o pecado é simples ignorância. Ensinava também que a razão natural é suficiente para guiar o homem no caminho do bem; basta seguir seus ditames. Lamentavelmente, porém, em vez de se deixar guiar pela razão, o homem tem sido enganado pelo demônio, pelos hábitos e pelos maus exemplos.

**IRINEU, DE LYON (c. 130—c. 200 d.C.).** Natural da Ásia Menor, Irineu foi discípulo de Policarpo, Bispo de Lyon, na Gália. Escreveu *Contra as here-sias*, em que combate o gnosticismo, uma das ameaças mais sutis ao cristianismo. Irineu é considerado “o príncipe dos teólogos cristãos”, no sentido cronológico de haver sido o primeiro.

Irineu foi o primeiro Pai da Igreja a se preocupar com o estudo da “Queda” de Adão. Segundo ele, a “Queda” teve dois efeitos principais: a sujeição do homem ao controle de Satanás, e a destituição ou perda da semelhança divina e da imortalidade que o homem possuía. Para ser salvo, pois, o homem precisa livrar-se do domínio de Satanás e readquirir sua natureza imortal. Isto o homem consegue graças à obra redentora de Cristo.

De acordo com Reinhold Niebuhr, em *The nature and destiny of man*, Irineu foi também o primeiro Pai da Igreja a esboçar uma teologia da *Imago Dei*. Segundo ele, o homem é constituído de três elementos, a saber, o corpo, o espírito e a alma. A alma ora serve ao corpo, ora serve ao espírito. A imagem de Deus, no homem natural, consiste apenas na liberdade e na capacidade de raciocinar. Somente o homem aperfeiçoado pelo espírito e possuidor do dom da graça é feito à imagem de Deus. Quanto ao pecado, parece indicar que resulta da própria finitude humana. Em abono a essa idéia, Niebuhr cita o seguinte texto de *Contra as heresias*:

Nós atribuímos a culpa a Deus porque ele não nos fez deuses no início, mas primeiro nos fez homens, e, depois, deuses... Ele sabia o resultado da fraqueza humana,

mas em seu amor e poder Ele subjugará a substância da natureza que Ele criou. Era necessário que essa natureza fosse manifesta primeiro e depois que a parte mortal fosse subjugada pela imortal e, finalmente, que o homem fosse feito à imagem e semelhança de Deus, havendo recebido o conhecimento do bem e do mal (Niebuhr, *op. cit.*, vol. I, p. 173).

Irineu reconhece a existência de uma identidade mística entre Adão e a raça humana, mas sem implicar a idéia de uma corrupção hereditária. Mais interessante ainda é a comparação que faz entre Adão e Cristo, como diz Hamman:

O Cristo realiza o modelo que o primeiro homem não concretizou. Ele é, pois, o novo Adão, arquétipo do homem cristão. Irineu desenvolve uma antropologia em que encontramos, como que num espelho, o desígnio de Deus. O homem, corpo vivificado e governado por uma alma, é modelado à semelhança divina pelo Espírito Santo. “Recebemos presentemente uma parte do Espírito que nos aperfeiçoa e nos prepara à incorruptibilidade e nos acostuma, pouco a pouco, a receber Deus” (p. 43).

**CLEMENTE DE ALEXANDRIA (150—215 d.C.).** Flávio Clemente nasceu em Atenas, na Grécia. Converteu-se ao cristianismo, e depois de viajar pela Itália, Síria e Palestina, vai para Alexandria, no Egito, onde foi aluno e sucessor de Pateno.

Clemente tentou harmonizar o pensamento grego com a fé cristã. Ele disse que, assim como a Lei mosaica preparou os hebreus, assim também a filosofia preparou os gregos para Cristo. Escreveu obras apologéticas, como *Exortação aos gregos*, catequéticas, como *O pedagogo*, além de *Stromata*, ou *Tapeçarias*, sobre temas variados.

Apesar da influência de Platão e de Filo de Alexandria, o pensamento antropológico de Clemente é baseado no conceito bíblico da *Imago Dei*. Conforme Battista Mondin (1979), ele reconhece três tipos de *Imago Dei*: a do *logos*, a do cristão e a dos homens em geral. Para a imagem referente ao cristão e ao homem em geral, ele usa dois termos: *eikón*, com referência ao homem natural, e *omoiosis*, com referência à imagem sobrenatural de Cristo. Em dois textos de *Stromata*, citado por Mondin, Clemente diz: “O homem recebeu logo ao nascer a *imago*; mais tarde, à medida que se torna perfeito, recebe a *similitudo*”. E diz mais: “Só quem crê é rico, sábio, nobre e imagem de Deus segundo a semelhança, e torna-se tal pela ação de Jesus Cristo.”

Para Clemente, a imagem de Deus, no homem, não consiste no ser, na natureza ou sua forma, mas no *agir*. Consiste, como indicamos antes, no domínio do homem sobre as coisas. Mais uma vez, citando Clemente, Mondin registra: “A expressão ‘à imagem e semelhança’ (Gn 1.27) não se refere ao corpo, porque é inadmissível que o mortal se assemelhe ao imortal, mas ao intelecto e à razão, ou seja, àquelas partes do homem em que o Senhor pode fixar convenientemente, como um sinete, a semelhança em relação

ao bem-fazer e ao comandar” (p. 105). Com isso, conclui Mondin: “Clemente recoloca a semelhança no bem-fazer e no comandar, ou seja, antes no agir que no ser, porque julga poder assim ressaltar a infinita diferença qualitativa que separa o homem de Deus” (p. 106).

**ORÍGENES (185—254).** Nascido em Alexandria, no Egito, Orígenes tornou-se expoente daquela famosa escola teológica. Discípulo de Clemente, o substituiu à frente da escola por ocasião da perseguição de Septímio Severo. Ordenado sacerdote em 230 pelos bispos de Cesaréia e de Jerusalém, Orígenes é proibido por seu bispo, Demétrio, de ensinar, e é condenado como herege, por simples inveja. Em face disso, Orígenes se retira para a Palestina e funda uma escola teológica em Cesaréia. Produz vasta obra, entre as quais *Sobre os princípios* e *Contra Celso*. A primeira expõe a ciência baseada na Revelação e representa uma *suma teológica*, talvez a primeira grande síntese doutrinária da Igreja, seguindo a tendência metafísica da patrística ocidental; a segunda é uma obra apologética. Orígenes é considerado o fundador da teologia científica e também o primeiro sistematizador do pensamento cristão como síntese filosófica.

De acordo com os ensinamentos de Orígenes, o universo é eterno e consiste de duas partes: a espiritual e a material. Ambas foram criadas do *nada*, mas a primeira é eterna, e a segunda é temporal. A primeira foi feita para espíritos racionais, livres porque racionais, perfeitos porque criados por Deus, e iguais porque criados por um Deus justo e também porque não há razão na natureza do caso para fazê-los desiguais.

Esses espíritos eternos foram criados para desfrutar eterna comunhão com Deus, seu Criador. Sendo livres, alguns escolheram a virtude e ganharam a recompensa da comunhão ininterrupta com Deus. Estes são os anjos bons. Outros foram a uma posição extrema e escolheram o mal. Estes são os demônios ou o Diabo e seus seguidores. Ainda outros tomaram uma posição intermediária — menos virtuosos que os anjos bons, menos perversos que os demônios. Estes são os homens.

O mundo físico foi criado por Deus como lugar de treinamento dos homens. Nascidos no mundo e recebendo corpos naturais, seus espíritos preexistentes estão sujeitos à disciplina até que aprendam a escolher o bem e a rejeitar o mal.

Na concepção de Orígenes, todos os homens são pecadores, não por causa da queda de Adão, pois esta foi apenas simbólica, mas porque pecaram no seu estado preexistente. Para ele, portanto, a Queda precedeu a existência terrena do homem.

Sobre a imagem de Deus no homem, ele diz, comentando o texto de Gênesis 1.27:

Isto indica que em sua primeira criação o homem recebeu a dignidade de imagem de Deus, mas que a perfeição da semelhança está reservada para a consumação total, até que o mesmo homem, com seu próprio esforço diligente por imitar a Deus, possa consegui-la. Desta sorte, lhe é dada desde o princípio a possibilidade da perfeição



através da dignidade da imagem, e depois, no final, através das obras que faz, o homem alcança a plena realização dela à semelhança de Deus (1Jo 3.2) (citado por Folch Gomes, p. 155).

**TERTULIANO (c. 160 — c. 220 d.C.).** Originalmente de Cartago, Tertuliano foi advogado em Roma, onde se converteu ao cristianismo. Polemista dogmático, combateu o paganismo, o judaísmo e a própria Igreja Católica ao se converter ao montanismo, seita fundada por Montano, padre frígio que pretendia ser o consolador prometido por Cristo e que pregava a existência de outras revelações do Espírito Santo para corrigir a do evangelho. Tertuliano escreveu, dentre outros: *Prescrição contra os hereges* e *Contra Marciano*.

Influenciado pelo estoicismo e pelo próprio montanismo, Tertuliano acreditava que a alma possui atributos materiais comuns ao corpo físico. Quanto à origem da alma, ele rejeitou as teorias da preexistência e do criacionismo, e propôs o traducionismo que, como vimos, ensina que são os pais que transmitem a alma aos filhos no próprio ato da geração. Neste sentido, ele admitiu também uma espécie de pecaminosidade total, sem ser uma depravação total do homem. Ensinou que, apesar da forte inclinação para o mal, ainda existe algo de bom na alma, como vestígio do divino. Para poder manter a doutrina do livre-arbítrio, Tertuliano ensinou a responsabilidade pessoal do homem, como se pode ver em seu combate ao determinismo típico do gnosticismo.